

CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO PALEONTOLÓGICO, ARQUEOLÓGICO E CULTURAL NA APA GRUTA DE BREJÕES/ VEREDA DO ROMÃO GRAMACHO – BAⁱ

Erica Alvarenga BARLETO¹; Helton Nonato de SOUZA²; Gisele LESSA³

¹Bióloga, ericabarleto@yahoo.com.br

²Eng. Florestal, Doutorando em Solos e Nutrição de Plantas - DPS/UFV

³Bióloga, D.S., Prof. Adjunto I - DBA/UFV

Abstract

The present study had the objective of collect data in order to contribute to the elaboration of an adequate management plan for public visitation, ensuring the preservation of the natural collection (paleontological, archeological, speleological, floristic, faunistic and cultural) from Brejões Cave and surrounding areas. There were used participatory techniques in the pursuit of an understanding about established relationships between the community and the environment, taking into consideration the local knowledge on natural resources. The planning of the tracks took advantage of the existing ones that are utilized by the community minimizing the possible impacts. The data pointed favorable characteristics to implementation of educational and tourism activities; those are strategic for natural conservation where the rare beauty of Caatinga is present. The proposition of using ecotourism, according to the local potential, can work as an instrument to environmental education and social promotion, giving emphasis on the environmental fragility of the carstic area and the peculiarity of vicinity to Quilombola culture.

I. Introdução

A Gruta dos Brejões é uma formação geomorfológica de destaque do Estado da Bahia, com reconhecimento internacional pelo acervo paleontológico e atributos naturais locais. Situada no município de Morro do Chapéu mais precisamente no povoado Brejão da Gruta, distante 186 km da sede do município e 386 km de Salvador, está inserida no bioma Caatinga, atualmente entre os mais ameaçados do país.

Entre tantas outras cavernas do país, sua importância científica é garantida pelos depósitos paleontológicos, mantendo ainda condições promissoras de novas descobertas e potencial para estudos arqueológicos evidenciado pela existência de pinturas rupestres localizadas nas paredes das entradas das cavernas e nos vales de seu entorno. A paisagem ao longo do curso do rio Jacaré e às suas margens é bastante contrastante com seu entorno, existe uma relação de dependência entre o rio e a fauna, flora e comunidades, sendo, portanto, objeto merecedor de atenção especial.

Os primeiros achados paleontológicos no interior da gruta foram publicados pelo padre Camilo Torrendt em 1938, mas grande parte desse material foi perdida (BEBERT-BORN & KARMANN, 2000). Em 1977 foram iniciados estudos sistemáticos pela equipe de paleontologia da Universidade Católica de Minas Gerais, tendo sido coletadas mais de cinco mil peças pertencentes à *Paleolama major* (lhama), *Nothrotherium maquinense* (pequena-preguiça terrícola), *Eremotherium laurillardii* (preguiça-gigante),

Glossotherium (Ocnotherium) giganteum (preguiça), *Glossotherium aff letsomi*, *Glossotherium robustum*, *Pampatherium humboldti* (tatu-gigante), *Xenorhinotherium bahiense*, *Haplomastodon waringi*, *Scelidodon cuvieri*, *Myiodon darwini*, *Myiodon ebseni*, cerca de 1.000 peças de aves, *Myrmecophaga tridactyla* (tamanduá-bandeira), *Coendou* sp (ourico-cacheiro), *Lutra* sp (lontra), roedores, veados, mastodontes, porcos-do-mato, cavalos, antas e morcegos (CARTELLE & FONSECA, 1983; CARTELLE & BOHÓRQUEZ 1986; CARTELLE, 1991; 1994).

Em 1985, através do Decreto Estadual N°. 487 de 13.11.1985, criou-se a APA Gruta de Brejões/ Vereda Romão Gramacho com o objetivo de conservar e proteger as formações geológicas, animais cavernícolas associados e as águas subterrâneas do rio Jacaré; assegurar a proteção das inúmeras espécies raras e as ameaçadas de extinção; preservar a vegetação peculiar característica das encostas calcárias e das margens do rio Jacaré; proteger os sítios arqueológicos e paleontológicos (fósseis do Pleistoceno); controlar o uso de agrotóxicos e assegurar a harmonia das comunidades sertanejas integradas ao ecossistema regional (BEBERT-BORN & HORTA, 1995).

O decreto prevê a elaboração de um Plano de Manejo para a área que devia, à época, ser realizado em 180 dias e atribui poderes de fiscalização e supervisão ao Centro de Recursos Ambientais da Bahia (CRA). Até a data de conclusão deste trabalho o plano estava na forma de um anteprojeto e prevê a existência de um conselho gestor comunitário.

Logo, existem mecanismos que podem estabelecer e conciliar interesses diversos para o uso sustentável dos recursos naturais, dado que a gruta se insere dentro de uma categoria de uso sustentável (SNUC, 2000). É o que se trata o presente trabalho.

II. Objetivos

Levantar dados que contribuam para a elaboração de um plano de manejo adequado para a visitação pública e que garanta a preservação do acervo paleontológico, arqueológico, faunístico, florístico, espeleológico e cultural na Gruta de Brejões e de seu entorno; Incorporar os conhecimentos locais sobre os recursos naturais existentes, através do uso e aplicação de técnicas participativas, de forma a compreender as relações estabelecidas entre a comunidade local e o ambiente físico; Avaliar as trilhas presentes na Gruta dos Brejões e adjacências analisando suas condições, sua manutenção e potencialidade ecoturística.

III. Materiais e Métodos

3.1. Área de Estudo

a) A Gruta

Localiza-se a nordeste da APA Gruta dos Brejões / Vereda do Romão Gramacho, porção norte da Chapada Diamantina, região centro-norte do Estado da Bahia. Encontra-se dentro do Polígono das Secas. Desenvolve-se no vale do rio Jacaré, próximo ao ponto que marca a divisa entre os municípios de Morro do Chapéu, João Dourado e América Dourada, na latitude $11^{\circ}00'42,7''$ S e longitude $41^{\circ}25'59,6''$ W (Figura 1) (BEBERT-BORN & KARMANN, 2000).

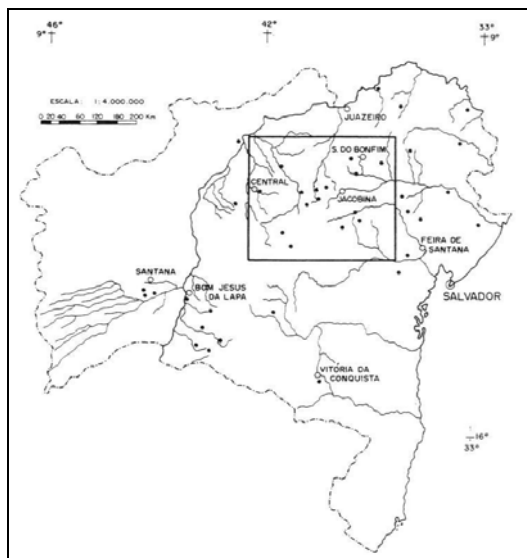


Figura 1: A) Mapa das localidades fossilíferas de mamíferos pleistocênicos do Estado da Bahia (modificado de LESSA et al., 1998).

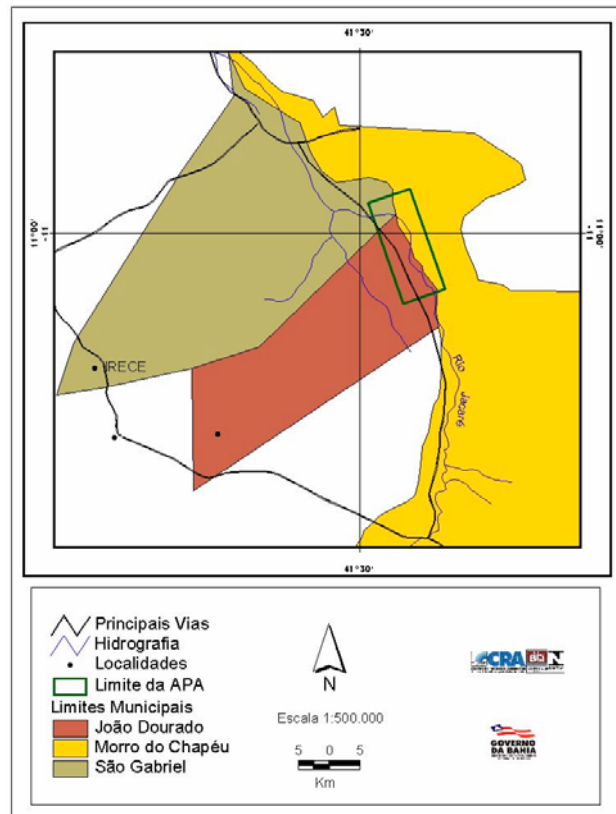


Figura 1: B) Em destaque, a área da APA Gruta dos Brejões/Vereda do Romão Gramacho.

Mais precisamente na porção norte de borda oriental da Bacia Sedimentar de Irecê, constituindo a Formação Salitre, unidade neoproterozóica do Grupo Una, Supergrupo São Francisco. Conexões amplas, entre as diversas galerias da gruta, conformam salões largos com piso em desnível íngreme, visto que cada um dos condutos desenvolve-se em nível topográfico distinto. O teto, nas interseções, tem aspecto circular semelhante a uma cúpula. No conduto maior são encontrados grandes acúmulos sedimentares, em geral sob pilhas de blocos desmoronados. Nesta galeria principal abre-se uma das gigantescas clarabóias, expressão culminante dos processos de desmoronamento que modificaram a morfologia original do conduto (BEBERT-BORN & KARMANN, 2000).

A Gruta dos Brejões possui espeleotemas de grande porte e algumas associações de estalagmites, escorrimentos calcíticos e represas de travertino ("bolos de noiva") são notáveis pelo tamanho e beleza. Chegam a 10 m de altura e mais de 5 m de diâmetro, com bacias de bordas bem delineadas, com até 2 m de profundidade. Dentre os atributos da gruta, destacam-se a amplitude de suas galerias fluviais subterrâneas que abrigam conjuntos de espeleotemas de grandes dimensões, o volume de dolinas de abatimento (clarabóias) e o

impressionante impacto visual do seu pórtico de entrada com 106 m de altura (Figura 2). No interior da caverna há condutos com vãos de até 150 m, abertos ao exterior através das clarabóias que chegam a atingir 100 metros de diâmetro (BEBERT-BORN & KARMANN, 2000), permitindo que a luz solar penetre em seu interior. Essa conexão entre os ambientes subterrâneo e superficial propicia luz e umidade que favorece o aparecimento e a manutenção de uma vegetação que chega a alcançar o porte arbóreo.

b) A Caatinga

A gruta está inserida na Caatinga (Figura 2), bioma que ocupa uma área de aproximadamente 800.000 km², representando 70% da região Nordeste e 11% do território nacional e apresenta altas temperaturas com variações diárias mais importantes do que as anuais. O clima é semi-árido e árido, com chuvas intermitentes torrenciais e com períodos de 6 a 9 meses de seca. A precipitação anual é de 750 mm sobre a maior parte da Caatinga, podendo chegar a 500 mm em sua porção central.



Figura 2: A) Entrada da Gruta dos Brejões e o Rio Jacaré.



Figura 2: B) Paisagem da Caatinga no período de seca.

Os solos, sobre embasamento cristalino, tendem a ser rasos. A vegetação é caracterizada por plantas espinhosas e decíduas e as famílias mais frequentes são Caesalpiniaceae, Mimosaceae, Euphorbiaceae, Fabaceae e Cactaceae, sendo os gêneros *Senna*, *Mimosa* e *Pithecellobium* os de maior representatividade (SANTOS & TABARELLI, 2003).

Em altitudes variando de 480 a 560 m, uma vegetação de caatinga arbórea/arbustiva densa desenvolve-se na unidade geomorfológica da Baixada do rio Jacaré, onde estão embutidos vales cársticos com extensas escarpas calcárias. (BEBERT-BORN & KARMANN, 2000). A manutenção de uma vegetação mais exuberante ao longo do rio Jacaré, relativamente aos terrenos circundantes, é devida à sua perenidade, que desta maneira, resguarda grande diversidade florística e faunística.

Na entrada da gruta encontra-se o povoado “Brejão da Gruta” formado por cerca de 25 famílias de agricultores.

3.2. Métodos

a) Entrevistas semi-estruturadas

Consiste de um roteiro previamente elaborado para delinear diálogos e assim coletar informações gerais ou específicas mediante diálogos com indivíduos (informantes-chaves), grupos familiares (famílias representativas) ou grupos enfocados. São necessários papéis e lápis para apontamentos (GEILFUS, 1997; PROJETO DOCES MATAS, 2005).

b) Confecção do mapa dos recursos naturais

Materializa-se um mapa geral baseado no conhecimento da população local, considerando gênero e gerações, através de desenho e representação simbólica em terra firme, com

legenda e significados. Utilizam-se recursos locais acessíveis (folhas, gravetos, pedras, etc), lápis e papel para registro (GEILFUS, 1997).

c) Levantamento das trilhas

Foram aproveitadas as trilhas já existentes e utilizadas diariamente pela comunidade, minimizando possíveis impactos. As técnicas para o planejamento foram elaboradas segundo o Manual de Introdução à Interpretação Ambiental (PROJETO DOCES MATAS, 2002) e Manejo de Trilhas para o Ecoturismo (ANDRADE, 2005). A proposta de um modelo de roteiro temático foi elaborada a partir de informações coletadas no local e de uma revisão bibliográfica reunindo elementos da fauna, da flora, da paleontologia e da espeleologia.

IV. Resultados e Discussão

4.1. A Comunidade

Há fortes suspeitas da existência de um antigo quilombo nas imediações do Povoado Brejão da Gruta, uma vez que a composição étnica da população é exclusivamente negra e como é de conhecimento, os poucos grupos populacionais negros encontrados no sertão são oriundos de antigos quilombos, a exemplo dos existentes na cidade de Rio das Contas, ao sul da Chapada Diamantina, na cidade de Campo Formoso, na localidade de Laje dos Negros, ao norte da Chapada Diamantina (HIGESA, 2001).

Segundo a população local, a Gruta dos Brejões teria sido descoberta e noticiada em 1877. O rio Jacaré sofreu grandes cheias nos anos de 1912, 1926, 1992 e 2002. O fato de a cheia de 1912 ter sido relatada comprova que nesta época já habitavam a área, o que reforça a hipótese de serem quilombolas.

Parte dos moradores instalou-se no local por causa da romaria oferecida, anualmente, a Nossa Senhora dos Milagres. O ritual teve início quando um antigo morador, há mais de cem anos atrás, prometeu levar uma imagem da santa para o interior da gruta se a malária, responsável por inúmeras mortes, não ocorresse mais. A imagem está no espeleotema conhecido como “bolo de noiva”, não muito distante da entrada da gruta. Na zona fótica da gruta são celebradas cerimônias como missas, batizados e até casamentos (Figura 3).

Atualmente, o período da festa se restringe a três dias e é no terceiro dia que ocorre o *reisado*. Durante esse período, um pequeno comércio se forma, envolvendo os moradores para atender aosromeiros principalmente no que diz respeito à alimentação. Além das manifestações religiosas

locais, como procissões, batizados, casamentos, a Gruta dos Brejões recebe visitaçãopermanente, de pessoas provenientes de vários locais do Brasil e do exterior ao longo do ano.

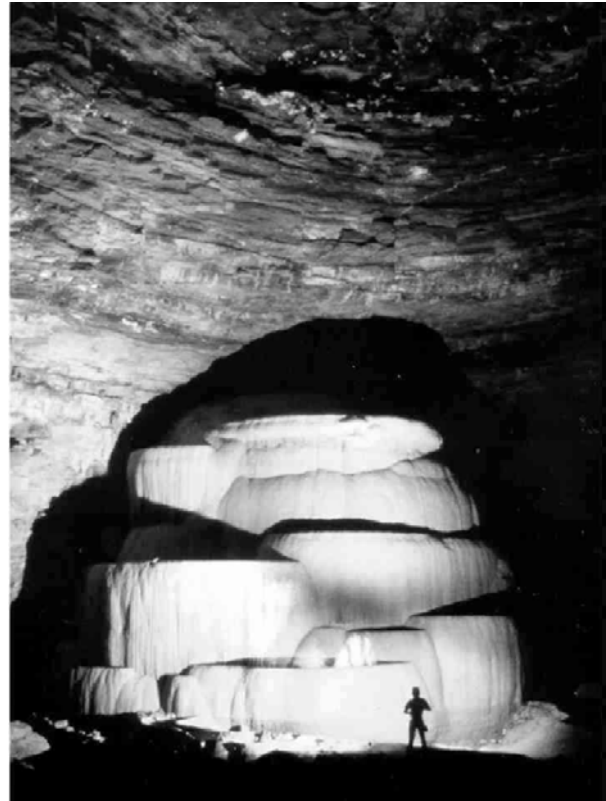


Figura 3: A) Espeleotema denominado “bolo de noiva” (BERBERT-BORN & HORTA, 1995).

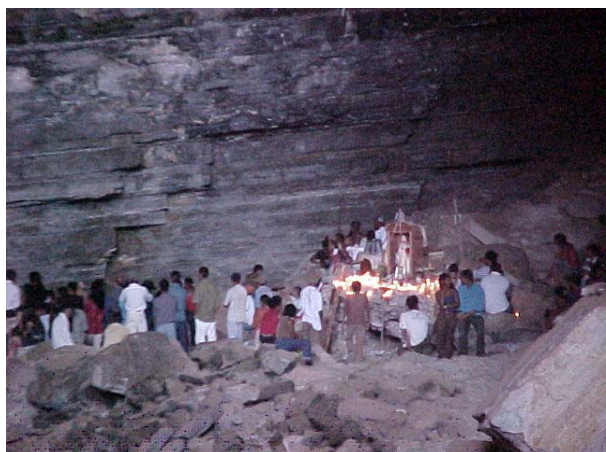


Figura 3: B) Missa realizada na Gruta dos Brejões.

4.2. As trilhas

a) Trilha “Gruta dos Brejões” (Figura 4).

Extensão da Gruta: 7.750 m;

Grau de dificuldade: baixo a médio com áreas de declive;

Tópicos do percurso: Formação da Gruta; Megafauna Pleistocênica; Espaço Sagrado;

Sinalização: na zona fótica da gruta painéis contendo as informações sobre a formação da Gruta, a Megafauna Pleistocênica e o Espaço Sagrado.

Condições: não há sinalização para que as pessoas não saiam do caminho e assim, não causem a destruição das formações calcáreas ou se percam. Foi observada a degradação de vários espeleotemas devido ao pisoteio, a pichações e ao hábito de acender velas sobre suas superfícies.



Figura 4: A) Espeleotema conservado.



Figura 4: B) Clarabóia e vegetação arbórea vista de longe.



Figura 4: C) Espeleotema pichado.

b) Trilha “Finada Joana” (Figura 5A).

Localização: próxima ao Povoado Brejão da Gruta, com início na estrada que leva ao povoado e sendo interrompida por uma propriedade rural;

Extensão: 300 m;

Grau de dificuldade: baixo;

Formato: linear;

Tópico do percurso: História regional;

Sinalização: 1) entrada: caracterização da trilha; 2) ponto médio: painel histórico da trilha;

c) Trilha “Cabeça de frade” (Figura 5).

Localização: próxima ao Povoado Brejão da Gruta, com entrada e saída em pontos diferentes da estrada que leva ao povoado “Brejão da Gruta”;

Extensão: 700 m;

Grau de dificuldade: baixo, entretanto, deve-se permanecer atento devido à presença de espinhos no chão provenientes do *Melocactus* sp.

Formato: semicircular;

Tópico do percurso: Ecologia da Caatinga e exploração pelo ser humano;

Sinalização: 1) entrada: caracterização da trilha; 2) 50 m da entrada: “Jardim de cabeças-de-frade” (deve conter informações sobre a biologia e utilização das espécies dessa área); 3) 400 m da entrada: informações sobre a biologia e utilização das principais espécies arbóreas encontradas; 4) 600 m da entrada: principais espécies da fauna da Caatinga, utilização e risco de extinção.



Figura 5: A) Trilha "Finada Joana".



Figura 5: B) Trilha "Cabeça de frade".

4.3. Pinturas Rupestres

a) Sítio Brejão I (Figura 6).

Localização: saída à esquerda da estreita estrada que leva a Bocana (saída da gruta) e aos canyons a 2,0 km do Povoado Brejão da Gruta;

Sinalização: em frente ao paredão contendo uma caracterização resumida e resgate da vida pré-histórica do local.

Condições: devido o pisoteio do solo pelo gado, a poeira levanta e deposita-se sobre as pinturas o que pode danificá-las, além disso, há muito esterco o que torna a visita menos agradável.

b) Sítio Bocana I (Figura 6).

Localização: saída à direita da estreita estrada que leva a Bocana (saída da gruta) e aos canyons a 4,5 km do Povoado Brejão da Gruta;

Condições: O desmatamento da frente dos abrigos promovido pela comunidade, mesmo que ocorrera inconscientemente, permite que o sol incida diretamente sobre as pinturas, provocando um esmaecimento acelerado. A destruição consciente

dos abrigos é promovida pela exploração de calcários, pelo vandalismo de freqüentadores, que para atestar sua passagem pelo local, gravam seus nomes e outros dizeres justamente sobre as pinturas e pela ação de colecionadores que procuram arrancar blocos utilizando cinzéis e até dinamite.



Figura 6: A) Sítio Brejão I.



Figura 6: B) Sítio Bocana I.

A proposição de trilhas interpretativas tem como objetivo principal preservar o patrimônio cultural constituído pelo único vestígio deixado consciente e voluntariamente pelo ser humano pré-histórico.

Percorrendo trilhas e estradas em direção aos pontos específicos (gruta, canyon ou sítios arqueológicos) são encontradas árvores nativas como umbuzeiro (*Spondias tuberosa*), imburana-de-espino ou de cheiro (*Commiphora leptophleas*), barriguda-do-sertão (*Ceiba pentandra*), jurema-preta (*Mimosa* sp.), aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), cansação (*Jatropha urens*), pinhão (*Jatropha mutabilis*), *Ipomea fistulosa*, cactáceas como o quiabento (*Peireskia zehntneri*) e euforbiáceas como o avelóis (*Euphorbia gymnoclada*).

4.4. Discussão geral

As trilhas a serem percorridas no entorno da gruta e próximas a estrada, são utilizadas diariamente pela comunidade, não necessitando de manutenção específica. A utilização para o ecoturismo e educação ambiental das trilhas utilizadas pela comunidade é uma forma de valorizar as pessoas e seus hábitos locais ao mesmo tempo em que evita os impactos causados pela abertura de novas trilhas. Existem inúmeras histórias interessantes sobre a vida da comunidade relacionadas a essas trilhas, muitas das vezes manifestações da sua identidade com o cosmos.

Segundo o Zoneamento Ecológico-Econômico da APA, a área onde se encontram as trilhas externas a gruta, descritas anteriormente, foi definida como Zona Agropastoril onde se observa o plantio de pastagens e culturas de subsistência, além da criação extensiva de caprinos. Neste caso, verifica-se um conflito na destinação para o uso. Neste sentido, deve-se levar em conta a importância da percepção ambiental dos habitantes locais para o planejamento do ambiente.

O turismo na Gruta dos Brejões e seu entorno ocorre de forma incipiente. Não há registro do número de pessoas que visita a área anualmente, mas sabe-se que há uma concentração do número de visitantes no mês de agosto, durante a Festa da Nossa Senhora dos Milagres e nesse caso, não são turistas e sim romeiros.

Uma questão pertinente à realidade da APA Gruta de Brejões refere-se ao desenvolvimento do turismo paleontológico: um aliado ou uma ameaça à preservação do patrimônio paleontológico? Acredita-se que esse tipo de turismo torna-se um aliado se estiver vinculado a um programa de Educação Ambiental. Esta possibilidade está prevista na legislação que trata da proteção do patrimônio fossilífero, especialmente o Projeto de Lei do Senado N°. 245/1996 que destaca: *“potencial de reativação econômica das regiões nas quais a existência do patrimônio fossilífero favoreça a criação de atividades não predadoras a ele relacionadas, especialmente o turismo científico e ecologicamente orientado”*. (SCHWANKE & SILVA, 2004).

Tal atividade requer formação específica para guias ou monitores ambientais locais sendo ampliada pela promoção de curso de confecção de réplicas que poderiam compor pequenas coleções didáticas ou oferecidas aos visitantes.

O potencial turístico do lugar de fato existe, entretanto, há a necessidade de treinamento e formação para que os habitantes da comunidade possam trabalhar como guias ou monitores ambientais e, dessa forma, promover a cidadania deste grupo, aproveitando-se desse potencial ambiental. É prematuro afirmar sobre a vocação turística da comunidade. Contudo, a partir dos conhecimentos existentes sobre o local, pode se configurar como uma alternativa de renda e subsistência, já que 97% da população é analfabeta e parte sobrevive apenas da renda recebida através dos programas do governo federal como “Bolsa Escola”, “Bolsa Família” e o “Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI”.

A comunidade encontra-se perante um grande leque de oportunidades, entretanto ainda não as encontrou ou desconhece os mecanismos necessários para sua viabilidade. Lideranças locais têm a clareza de que é possível transformar a realidade local através do desenvolvimento do ecoturismo e acreditam serem necessários investimentos por parte dos governos estadual e federal e várias ações podem ocorrer na esfera municipal.

V. Conclusão

A modalidade de unidade de conservação APA é interessante, neste caso, por permitir a convivência entre as pessoas e o ambiente e, desde que haja um monitoramento em conjunto com a comunidade, permite a conservação do mesmo.

A APA Gruta dos Brejões está localizada numa região isolada por isso a grande importância do envolvimento das comunidades locais na implementação de programas de educação ambiental e ecoturismo.

Uma abordagem participativa pode promover o conhecimento e o pertencimento da população local com a conservação. É possível a busca de soluções conjuntas, pertinentes e adequadas, levando em consideração os aspectos sociais, econômicos e culturais, assim como os ecológicos.

Toda essa riqueza tem pouco significado quando, retirando da natureza o sustento de suas famílias, não há condições dignas de sobreviver.

Agradecimentos

Um agradecimento especial ao Sr. Aloísio Cardoso, gerente da APA, e aos moradores de Brejão da Gruta pelo apoio durante a realização do trabalho de campo.



VI. Referências Bibliográficas

- ANDRADE, W. J. de. Manejo de Trilhas para o Ecoturismo. In: **Ecoturismo no Brasil**. Mendonça, R. & Neiman, Z. (organizadores). – Barueri, SP: Manole. 2005. 296p.
- BERBERT-BORN, M. & HORTA L. S. Espeleologia. Prefeitura de Morro Do Chapéu - Ministério De Minas e Energia-Companhia de Pesquisa De Recursos Minerais. In: **Projeto Mapas Municipais - Município De Morro Do Chapéu (BA):** Informações Básicas Para o Planejamento e Administração do Meio Físico. Salvador. 1995. p.149 – 153.
- BERBERT-BORN, M. & KARMANN. I. Lapa dos Brejões – Vereda RomãoGramacho, Chapada Diamantina, BA. Gigantesca caverna e vale cárstico com rico depósito de fósseis do Quaternário. **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**. 16:469 – 479. 2000.
- CARTELLE, C. & FONSECA. Contribuição ao Melhor Conhecimento da Pequena Preguiça Terrícola *Nothrotherium maquinense* (Lund) Lydekker, 1889. **Revista Lundiana** 2:127-181. Belo Horizonte. 1983.
- CARTELLE, C. & BOHÓRQUEZ, G. A. Descrição das pré-maxilas de *Nothrotherium maquinense* (Lund) Lydekker, 1889 (Edentata, Megalonychidae) e de *Eremotherium laurillardi* (Lund) Cartelle & Bohórquez, 1982 (Edentata. Megatheriidae). **Iheringia. Ser. Geol.** Porto Alegre 11:9-14. 1986.
- CARTELLE, C. Um Novo Mylodontinae (Edentata, Xenarthra) do Pleistoceno Final da Região Intertropical Brasileira. **An. Acad. Brás. Ci.**, 63/2: 161-170. 1991.
- CARTELLE, C. Anomalias e Desenvolvimento Dentário em Algumas Espécies Extintas de Mamíferos do Brasil Intertropical. **Acta Geológica Leopoldinensia**. 39/2: 573-584. Vol. XVII. 1994.
- GEILFUS, F. 80 **Herramientas para el desarrollo participativo:** diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación. IICA/Holanda LADERAS C.A.-GTZ, San Salvador, El Salvador. 1997. 208p.
- HIGESA. **Diagnóstico Ambiental da APA Gruta dos Brejões Vereda do Romão Gramacho**. VOL. ¼ - Caracterização dos Sistemas Ambientais da APA. 2001.
- PROJETO DOCES MATAS/Grupo Temático de Interpretação Ambiental. **Manual de Introdução à Interpretação Ambiental**. Belo Horizonte. 2002. 108p.
- PROJETO DOCES MATAS. **Diagnóstico Participativo de Unidades de Conservação**. Belo Horizonte: IEF/ IBAMA/ Fundação Biodiversitas – GTZ. 2005. 46p.
- SANTOS, A. M. M. & TABARELLI, M. Variáveis Múltiplas e Desenho de Unidades de Conservação: Uma Prática Urgente Para a Caatinga. In: **Ecologia e Conservação da Caatinga: Uma Introdução ao Desafio**. Ed. Universitária da UFPE, Recife. 2003. 822 p.
- SCHWANKE, C. & SILVA, M. A. J. Educação e Paleontologia. In: **Paleontologia** / Carvalho, I. S., editor. – Rio de Janeiro: Interciência. Vol.2. 2004.258p.
- SNUC. Lei Nº. 9.985, de 18.07.2000 Regulamenta o artigo 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Capítulo III das Categorias de Unidades de Conservação. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Seção I, 1ª página.

ⁱ Este trabalho foi apresentado pela primeira autora como Monografia do curso de bacharelado em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Viçosa/UFV, 2006.

Publicado no XV Simpósio de Iniciação Científica da UFMG, 2006.